



**MISÉRIA /** Com infraestrutura precária e dificuldade de acesso a serviços básicos, como assistência médica e odontológica, comunidades do extremo norte do país precisam contar com o apoio de bases militares para superar as dificuldades do dia a dia

# Mulheres indígenas no limite da sobrevivência

» LUANA PATRIOLINO

A sobrevivência das mulheres indígenas enfrenta uma série de desafios com a falta de recursos nas regiões extremas do Norte do país. Para as gestantes, a situação é ainda mais grave. Falta tudo: médicos especializados, medicamentos, assistência e até mesmo itens de higiene. Com a pandemia de covid-19, os povos ainda vivem com receio de contaminação.

O *Correio* acompanhou de perto a história dessas mulheres. A reportagem viajou a convite do Ministério da Defesa e esteve nas regiões que contam com o apoio de bases militares para o atendimento de necessidades básicas. Desde 1985, a atenção a essas comunidades ganhou o apoio institucional das Forças Armadas por meio do programa Calha Norte.

Segundo o governo, são atendidos, atualmente, 442 municípios das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, pouco mais de 15 milhões de pessoas são beneficiadas, e os recursos passam de R\$ 1 bilhão. A ajuda é essencial para a sobrevivência dos povos indígenas, porém, a população precisa lidar com outros problemas, que vão de falta de infraestrutura a dificuldade de acesso a serviços básicos.

No ponto de confluência entre os rios Uaupés e Papuri, no Amazonas, na divisa com a Colômbia, os indígenas do povoado multiétnico Iauretê vivem com poucos recursos para manter a tradição. Cerca de 3 mil indígenas de 8 etnias vivem no local: Tukano, Tariano, Dessanos, Piratapua, Uananos, Tuiucas, Rupda e Rupdér. O povoado está localizado na região de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas.

Da etnia Tariana, a agricultora Erica Maria de Lima Rodrigues, 27

Luana Patrolino/CB/D.A Press



De sobrenome e etnia desconhecidos, vítima de abusos sexuais e psicológicos do próprio pai, Júlia não sabe ao certo a própria idade

anos, grávida de dois meses. Morando na região, ela afirma que lida com a falta de produtos básicos para o dia a dia e para a criação dos outros dois filhos. “A gente passa muita necessidade aqui, de médicos, de dentistas. Às vezes eles nem vêm. Nessa gestação, eu tive um início de aborto, mas, felizmente, não aconteceu nada. Sem os médicos, temos os nossos benzedores e o apoio do Exército”, conta.

A pandemia do novo coronavírus também foi cruel na comunidade. A família de Erica foi contaminada neste ano. “Passamos

muito mal, tivemos falta de ar. Quase não tivemos assistência, tudo aqui é muito longe. Mas o que seguiu mesmo foi a vacina e os nossos remédios da natureza”, relata. “Tem muita coisa que não encontramos por aqui e tem que esperar as pessoas trazerem. Tem que pedir em São Gabriel (outro município). Não tem como comprar fralda, lenço umedecido, bater ultrassom”, diz Erica.

Atuando na região há dois meses, a médica rondoniense Gilksânna Moura se desdobra para ajudar a comunidade Iauretê. Instalada no polo base para

receber os pacientes, a especialista em saúde indígena também visita vilas do local regularmente. “Tenho que ser um pouquinho de tudo: ginecologista, obstetra, pediatra, cardiologista e médico da família”, afirma Moura.

## Adolescência

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), divulgados neste mês, mostram que o Acre tem o maior percentual de gravidez entre meninas de 13 a 17 da região

Norte. No estado, 12,8% das adolescentes que já tiveram relação sexual engravidaram pelo menos uma vez na vida.

O número, inclusive, é maior que o percentual do Brasil, que tem 7,9% no total, e da região, de 7,3%. O estudo leva em consideração os números captados em 2019. Na cidade de Cruzeiro do Sul (AC), Júlia, de sobrenome e etnia desconhecidos, faz parte da triste realidade das mulheres que não puderam se planejar para a gestação. Para entender a história dela, é preciso voltar no tempo. Segundo seu próprio relato, aos 8 anos,

após a separação dos pais, ela foi sequestrada pelo próprio pai e viveu a maior parte do tempo isolada na floresta.

Sem saber ao certo quantos anos tem atualmente e nem a idade correta dos filhos, Júlia enfrenta as consequências de todos os abusos físicos, sexuais e psicológicos. Os seis filhos são do próprio pai dela. “Nas minhas contas, eu tenho 39 anos”, diz, ainda confusa.

Uma assistente social que recebeu Júlia em 2012, na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) de Cruzeiro do Sul, conta que, das seis crianças, cinco possuem algum tipo de deficiência física ou intelectual. “Ela não sabe deles e eles nunca tinham ido a lugar nenhum, desde que foram encontrados por uma pessoa que fazia trilha na selva”, detalha. “Nem a mãe dela nunca mais teve contato”, conta a profissional.

Júlia, agora, espera o sétimo filho, fruto de um relacionamento com um homem que conheceu após ter acesso à cidade. “Eu já conhecia ele desde que eu era criança. Mas agora, que voltei, a gente se encontrou de novo e estamos tentando formar uma nova família”, diz. Com seis meses de gestação, ela pode, pela primeira vez, fazer pré-natal e marcar o parto com um médico.

Agora, tentando refazer a vida, Júlia aprendeu a escrever o próprio nome e tem até celular, com o qual se comunica via áudio. “Tudo para mim foi muito novo, achei tudo tão diferente. Eu nem sabia como era uma televisão, achei tão bonito.”

Em Cruzeiro do Sul, apesar de ser uma cidade com poucos recursos, as gestantes ainda conseguem realizar alguns exames. No entanto, muitas delas lidam com pouco acesso à informação e abandono dos próprios companheiros.

## CORONAVÍRUS

# Variantes dificultam imunidade de rebanho

» GABRIELA BERNARDES\*  
» GABRIELA CHABALGOITY\*

Com mais de 70% da população tendo recebido, pelo menos, a primeira dose da vacina contra a covid-19, alguns especialistas dizem que o país está atingindo a chamada imunidade de rebanho, ou seja, uma situação em que, devido ao alto número de pessoas imunizadas, a cadeia de transmissão da doença é interrompida. No entanto, hoje, no Brasil, circulam pelo menos cinco variantes do novo coronavírus, o que dificulta a avaliação sobre o grau de proteção alcançado pelos brasileiros.

O conceito de imunidade coletiva, ou imunidade de rebanho, se destacou em função da pandemia. Esta imunidade, ou resistência à infecção, pode ser adquirida pelos indivíduos que se recuperaram após sofrer a doença ou que foram vacinados. O infectologista Claudilson Bastos diz que a imunidade de rebanho é o que o mundo espera com a vacinação em massa. “Na realidade, ao atingirmos 80% das pessoas totalmente imunizadas, teremos uma maior segurança quanto à transmissão”, afirma.

Atualmente, mais de 144 milhões de brasileiros, o equivalente a mais de 67% da população, receberam, pelo menos, a 1ª dose da vacina. Outros 86 milhões de pessoas, ou 39%, já estão totalmente imunizadas com duas doses ou dose única.

No Brasil, a pandemia da covid-19 foi agravada por diversas variantes do novo coronavírus: Alfa, Beta, Delta, Gama e Mu. Quanto mais o vírus tende a se propagar, maiores são as possibilidades de ocorrerem mutações. A maioria, porém, tem efeitos mínimos. Quando a mutação traz características definitivas para o vírus, e permite que se reproduza, nasce uma variante. Algumas das que circulam no Brasil, como a Delta, trazem preocupação por ter uma capacidade maior de transmissão.

O infectologista José David Urbaz, do Laboratório Exame, avalia que ainda é cedo para se afirmar sem hesitação que o país chegou à imunidade de rebanho. “É uma questão para se ter muita cautela. Entretanto, a gigantesca transmissão que assolou o país, e que ainda continua acontecendo com menor intensidade, certamente conferiu

Ed Alves/CB/D.A Press



Avanço da vacinação aumentou proteção dos brasileiros: 39% já estão totalmente imunizados

imunidade por infecção natural em grandes grupos populacionais”, comenta.

“Uma grande parte da população com imunidade por infecção natural deve estar chegando ao limite dessa proteção, podendo ocorrer novamente um recrudescimento da doença, ainda mais com a presença da variante Delta. Assim, ainda estamos em

uma situação muito frágil”, explica Urbaz.

Para o infectologista Igor Thiago Queiroz, do Hospital Giselda Trigueiro, em Natal, com quase 40% da população totalmente vacinada, e com o adocimento de muitas pessoas, de forma sintomática ou assintomática, se espera que a imunidade possa já ter sido alcançada. “O problema

é que a proteção que você tinha para o vírus original, atualmente com as variantes, é menor. Essa imunidade coletiva pode ser prejudicada porque vão ocorrendo mutações do vírus que conseguem escapar do sistema imunológico”, explica.

\*Estagiárias sob a supervisão de Odail Figueiredo

# Correio debate doenças

A incidência de doenças pulmonares graves tem crescido no mundo. E, atualmente, uma das principais causas de internações hospitalares no país e alvo de preocupação cada vez maior das autoridades médicas e sanitárias.

Para aprofundar o debate sobre o tema, o *Correio Braziliense* promoverá na próxima quinta-feira, 30, o evento virtual Impacto Social das Doenças Pulmonares Graves, com transmissão pelos canais digitais do jornal no YouTube, Instagram e Facebook. Das 11h30 às 13h, especialistas vão debater tendências e políticas públicas voltadas para combater essas enfermidades, além da criação da Frente Parlamentar de Doenças Pulmonares Graves.

Participarão, como painelistas, a diretora executiva do Instituto Unidos pela Vida, Verônica Stasiak; o professor da Faculdade de Medicina da USP e presidente da Fundação ProAR, Rafael Stelmach; e os deputados Pedro Westphalen (PP-RS) e Luiz Antônio Teixeira Jr. (PP-RJ). A mediação será feita pelo editor executivo do *Correio*, Vicente Nunes. O público poderá encaminhar perguntas aos debatedores.